ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

Relato de experiência da Intervenção "Corredor de Sensações" realizada pelo PIBID/UERGS – Dança

Amanda Bianca Santos Miranda[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Kimberly Ohanna Pozo[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Caroline Rocha Alves[3]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Kátia Salib Deffaci[4]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este é um relato de experiência das licenciandas bolsistas do PIBID/UERGS – Dança sobre a intervenção "Corredor de Sensações", realizada na E.M.E.F. José Pedro Steigleder, como comemoração ao Dia Internacional da Dança. A intervenção tem como objetivo fazer com que os alunos vivenciem outras possibilidades de movimentos no espaço de trânsito escolar, a partir de novas sensações causadas por obstáculos colocados propositalmente em um corredor da escola, durante os

[1] Aluna de Graduação em Dança: licenciatura na Universidade estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, cursando o 5º semestre. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência PIBID/UERGS – Dança desde 2014. Já desenvolveu atividades de Dança no Projeto Mais Educação em Montenegro, Eldorado do Sul e Charqueadas (2012/2013/2014). Integrante do Grupo Experimental de Ballet da FUNDARTE.

[2] Aluna de Graduação em Dança: licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Uergs, cursando 5* semestre. Atua como monitora no componente curricular Improvisação e Analise do Movimento em Dança I. Bolsista do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID/Uergs-Dança desde 2013. Já desenvolveu atividades de Dança no Projeto Mais Educação em Montenegro, Triunfo e Salvador do Sul (2012/2013/2014). Integrante do Grupo Experimental de Ballet da Fundarte.

[3] Aluna da Graduação em Dança: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, cursando o terceiro semestre. Já atuou como bolsista do Projeto de Extensão da UERGS - "Dança na Educação Infantil" em 2014 e apresentou o trabalho intitulado: "Dança na Educação Infantil" de autoria própria sob orientação da Professora Kátia Salib Deffaci no 4° Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão - Siepex. Desenvolve aulas de dança em caráter de oficinas na Escola de Educação Infantil - Mundo da Imaginação desde 2012 até o momento. Já desenvolveu atividades voluntárias de oficina de dança para a comunidade da Vila de Itapuã - Viamão/RS. Instrutora de dança no Projeto Mais Educação da Escola Estadual Dr. Genésio Pires Itapuã - Viamão/RS (outubro a dezembro de 2013). Oficineira no Projeto Abrindo Espaço UNESCO 2007 a 2009 na Escola Estadual Amaral Lemos/SE. Tem formação de dança nos estilos Hip Hop Dance e Street Jazz.

[4] É bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP (2004) e Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Cursando a Pós Graduação Especialização em Psicomotricidade Educacional (FSG). Atualmente é professora assistente da Graduação em Dança: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS. Exerceu docência em Arte no Ensino Fundamental na rede pública municipal de Caxias do Sul (2006-13), docência em Dança para Educação Infantil na rede particular (2012-13) e ministrou workshops de dança contemporânea e preparação corporal para bailarinos e atores. Pesquisa dança, educação somática, educação infantil e cultura popular brasileira. Tem experiência na área de coordenação artística e organização de eventos culturais. Já atuou em projetos de arte popular junto à Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul (2008/2010). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Execução da Dança, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo e feminino, processos de criação, cultura popular.

intervalos no turno da manhã e tarde. Com o propósito de que todos os corpos possam vivenciar esta atividade, foram criadas estratégias para inclusão de alunos PNE.

Palavras-chave: Dança; intervenção; inclusão.

Esta intervenção foi pensada a partir das observações feitas na escola, onde percebemos como futuras professoras de dança a necessidade corporal destes alunos em se movimentar de maneira mais livre e expressiva, de acordo com as necessidades e vontades de cada um, ao invés de manter apenas os padrões de movimentos comuns do dia-a-dia do espaço escolar regular. E, já que pensamos em desconstruir estes paradigmas, pensamos também em como realizar tal atividade dando extrema atenção à diversidade destes corpos lá presentes, para que todo e qualquer aluno que se propusesse a participar da intervenção, tivesse a oportunidade de vivenciá-la, principalmente os alunos PNE, que muitas vezes não conseguem participar de atividades oferecidas pela escola. Atualmente as escolas ainda conservam os padrões tradicionais, o que torna este processo de mudança complicado e lento, pois toda a instituição, e não apenas os professores, devem estar preparados e dispostos para tais mudanças habituais. A proposta era realizar uma intervenção em que os alunos experimentassem passar por um pequeno corredor onde haveriam obstáculos que estimulassem novas sensações, sentimentos e toque, fazendo deste espaço comum a todos, uma trajetória diferente do cotidiano.

O corredor era composto de: uma teia de elásticos presa de uma parede à outra, com a altura de um adulto a fim de explorar os diferentes níveis (alto, médio e baixo), e cinesfera (proximal, medial, distal); um tapete com pedras com o intuito de provocar maior sensibilidade aos pés; pequenos troncos espalhados pelo chão buscando trabalhar o equilíbrio; três pneus alinhados também trabalhando com o equilíbrio; e bambolês pendurados em diversos níveis (alto, médio, e baixo), também com a intenção de experimentar passagens comprimidas (cinesfera proximal). Deste modo, a proposta foi pensada para todas as faixas etárias do ensino fundamental, mas principalmente pensada para todos os tipos de corpos, como alunos cadeirantes, por exemplo. Para que isso acontecesse, elaboramos estratégias para a estrutura do Corredor, onde os elásticos foram presos, suspensos do chão de forma que uma

cadeira de rodas pudesse passar; o tapete de pedras foi elaborado de uma maneira mais fina para que ficasse com fácil acesso, também pensando na cadeira de rodas e em alunos com maior dificuldade para locomoção; e os troncos e pneus seriam colocados de uma maneira que fosse fácil de serem removidos ou arredados, caso houvesse necessidade, mas a intenção era que mesmo um aluno cadeirante, tentasse experimentar essas elevações, desníveis.

Depois de instalado, o Corredor foi a novidade dos dois intervalos. No turno da manhã, os adolescentes não foram tão receptivos, a maioria passava muito rápido ou tentava desviar passando por outro corredor. Alguns passavam rolando no chão por baixo da teia de elásticos, pois preferiam se sujar, ao invés de expor seus corpos com formas diferentes, e quando alguém tentava passar pelos elásticos desafiando-se a novas formas de caminhar pelo corredor, os alunos que estavam do lado de fora apenas observando, caçoavam ou tentavam puxar os elásticos para provocar algum tropeço. À medida que os alunos já sabiam a posição dos elásticos e como burlar a travessia, as alunas bolsistas foram dificultando a passagem, puxando os elásticos para outras direções, ou reamarrando de forma que os elásticos ficassem mais rígidos a ponto de não poderem arredá-los.

Foi observado que entre os adolescentes que passaram pelo corredor, a sua maioria eram meninas que motivadas pelas colegas chamavam outras, e assim o corredor estava sempre cheio. Os meninos ficavam pelos cantos rindo entre si, e excusavam-se ao convite das licenciandas bolsistas para atravessarem o corredor; dentre esses meninos, estava um aluno cadeirante. Uma das licenciandas bolsista fez o convite para que atravessasse o corredor, e por vezes o aluno negou. Quando convidado por uma última vez, ele aceitou, e as licenciandas bolsistas partilharam a travessia com ele. A primeira fase do corredor eram os elásticos, que com os braços o aluno foi levantando, e sorria ao sentir o elástico rebatendo no seu corpo. A segunda fase eram os troncos, o aluno foi convidado a experimentar passar pelos troncos com auxílio para o manejo da cadeira, porém o aluno recusou, e o obstáculo foi arredado. A terceira fase era o tapete de britas, que o aluno passou cuidadosamente. A quarta fase era os pneus, que também foram arredados. Por último a fase dos bambolês suspensos, onde o aluno experimentou passar os braços e a cabeça por eles. Após a

passagem deste aluno PNE, os demais colegas bateram palmas e celebraram, e então atravessaram o Corredor, uns burlando e outros explorando os diferentes níveis. Os professores da escola também foram convidados a passar, alguns retornavam para atravessar novamente e assim motivavam os alunos a fazerem o mesmo, e houve também professores que se dirigiram a outros caminhos da escola para não passar pelo corredor instalado.

Concluímos que a instalação no corredor foi eficaz para que os alunos percebessem uma passagem comum de outra forma, e se desafiassem a atravessar por um Corredor de Sensações de peso, (des)equilíbrio, passagens comprimidas, etc. Como diz Strazzacappa: “Somos nosso corpo. Somos unos. Toda educação passa pelo corpo. Toda educação dos sentidos. A dança, nesse contexto, viria apenas contribuir para essa percepção, desenvolvendo indivíduos mais sensíveis.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.75). Mesmo que alguns alunos tenham burlado o corredor, eles atravessaram se arrastando pelo chão, o que também é uma sensação. Mediante a isso a instalação do Corredor de Sensações foi muito eficaz, tanto no sentido lúdico-sensorial como para o desenvolvimento de indivíduos mais sensíveis, objetivando que as atividades escolares abarquem todos os alunos de sua comunidade, com um olhar atento aos alunos PNE.

Referências

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na Chuva... e no Chão de cimento. In: Ferreira Sueli (Org). **O Ensino da Artes**: Construindo caminhos. São Paulo: Papirus, 2001.